

CONFIDENCIA

Pleurs silencieux, pleurs terribles.
VICTOR HUGO. *Les Misérables*.

Tu, que vês meu rosto pallido,
Mas sorrindo sempre ledo,
Não sabes quanto em segredo
Me compunge acerba dor;
Não te mostro minhas lagrimas
Por isso que a pena é grande:
Nem ha consôlo que abrande
As magoas que vêm d'amor.

Sei que tenho grato balsamo
Nos prantos que ás vezes choras,
Quando tu mesma deploras
Este soffrer que me dá:
De que vale? A sorte asperrima
Que nos separa na vida,
Não pôde ser convertida
Nunca em remanso de paz!

Não pôde. Fogem-nos rapidas
As illusões d'esta idade;
E vejo que a mocidade
Se me esvae longe de ti!
Houve tempo em que fui credulo,
E julguei que inda podia
Transformar esta agonia
Na ventura em que ja cri.

Hoje sou qual triste naufrago
Errante de vaga em vaga;
Minha sêde não se apaga
Do mundo no longo mar;
Se toco as aguas do pelago
Com labios de amor frementes,
Sinto-lhe os travos ardentes
Que vêm meu peito crestar!

E assim é que a fria dúvida
Vae meus passos circumdando;
E que ao seu altivo mando
A fronte deixo pender;
Nos dias de alegre júbilo
Era ousado o pensamento;
Mas hoje... que desalento,
Que tristeza em meu viver!

Olha em tôrno: a quadra esplendida,
A quadra amante das flores
Trocon as vividas côres
Por sombria pallidez:
Pois minh'alma ao sôpro gelido
De cada teu desengano
Jaz immersa de anno em anno
Em mais penosa aridez.

E choro. Mas, sempre tímido,
Escondo as gotas do pranto
Debaixo do falso manto
De um prazenteiro sorrir:
Ja que o mundo passa frivolo
Ante a dor que se revela,
Não lhe digo a causa d'ella,
Pois temo que a vá trahir!

A ti so, que és pomba ingenua,
Embora não deva amar-te,
Posso afouto vir contar-te
Meu soffrimento sem fim;
Ai! contempla o negro calice
D'esta amarga desventura,
E não sejas sempre dura,
Afasta-o longe de mim!

Coimbra, 19 de Outubro de 1863

LUIZ CARLOS

O REI DA CREAÇÃO

(Traduzido do livro d'Alphonse Karr — *Voyage
autour de mon jardin.*)

Não deu o Creador ás plantas a escolher
o reproduzirem-se, ou não. Cabiram infal-
livelmente seus grãos na terra, e se des-
involveram em novas plantas.

O homem, a este respeito, é pelo con-
trário inteiramente dependente da sua von-
tade. Cuida pouco a natureza de que o ge-
nero humano augmente ou diminua, exista
ou desapareça da superficie da terra.

Quando o homem quer, evita a lei da
reprodução. Faz-se muito segundo a sua
vontade monge ou tenor soprano. Não tem
epocha nem estação para sahir da semente
como as plantas e outros animaes. Sae
quando lhe apraz e se lhe apraz.

Escutae-o, fallando de si proprio:

«O homem é o primor d'arte da natu-
reza, a última e a mais perfeita obra de
Deus, feita segundo a imagem d'elle, o
centro onde o universo inteiro se reflecte.»

Muito bem. Cada um dizendo isto de
todos os homens não o julga verdadeira-
mente convir a outro que não seja elle pro-
prio.

Fazei-o fallar e vereis.

Acabae de ver o que é o homem.

Perguntae o que é o *negro*.

«Os negros são uma especie inferior, uns entes nascidos para serem escravos dos brancos.

Neste caso o primor d'arte, o rei, o centro em questão so se pôde dizer a respeito dos brancos.

Escutae agora um francez:

«O povo francez é o mais espirituoso, elegante e intrepido do mundo.»

Escutae ainda:

«O normando é um pouco estúpido: o picardo não passa de teimoso: o parisiense é palrador; etc.»

Cada provincia ou cidade em que se não nasceu tem alguma ma reputação proverbial.

O *primor d'arte, o centro, o rei* é pois o homem da cidade que habitaes — de Paris supponhamos.

Fazei fallar um parisiense:

«Fulano de tal é um homem ensoberbecido e aspero.»

«A senhora ... é tola e mais que tola.»

«O senhor ... abusa da licença de ser tolo.»

Ah! diabo! é talvez mister de procurar na familia, pois quando se tracta de conhecidos ha sempre defeitos a pôr.

«Tal primo é um sordido avaro, aquelle tio poz sua familia por portas, etc.

E o amigo?

«Oh! o meu amigo é um excellente rapaz: tem alguns defeitos, mas quem é que os não tem?

E eil-o a adornar-se com a sua amizade e a do amigo, principalmente se parece que isto fica bem.

Faz do dicto amigo um elogio pomposo, não por que se dê credito ás brilhantes e bellas qualidades que lhe dá, mas por que se admire como diz bem do seu amigo.

Depois se a attenção parece deixal-o para o amigo ser objecto d'ella acrescenta:

«Este pobre rapaz tem quatro dentes de menos, o que me causa muita pena.

Ou:

«É um excellente coração, mas uma tão

ma cabeça, que, se não fôsse eu, não sei o que seria d'elle.»

Em summa, não deixa a conversação a respeito do amigo sem o ter collocado immediatamente abaixo de si.

Conclusão

Quando um homem diz que o homem é o primor d'arte da natureza, o rei da criação, o centro do universo, etc., é precisamente de si proprio que pretende fallar. Porque se lhe apresentarem todos os outros homens um a um verão que não os acha feitos á imagem de Deus, nem primores d'arte, nem reis, nem nada d'essas bellas cousas.

O homem é um primor d'arte, como a noz é um excellente fructo.

O que falta é o miolo: os outros são a casca aspera e dura e a pellicula amarga, que é necessario cortar.

BRUEBELINDA

22

Era uma noite. A escuridão da treva
Lua e estrellas cobria, terra e espaço.
'Numa tal noite a tia Genoveva,
Quando eu era pequeno, ia a compasso,
Contando-me o ramram da carochinha
Até que o somno finalmente vinha.

23

Tinha um jardim a casa de Ermelinda.
E um bosque havia la frondoso e opaco.
Um tanque ao meio, e vecejante e linda
Em tórno vide de purpureo baccho,
Que vista la ao pe á luz do dia
As delicias de um bebedo faria.

24

Sentada juncto a mim 'num duro banco
Feito, com muita arte, de cortiça,
So lhe via o vestido que era branco
E puro como a toga da Justiça;
Porque o mais não se via: a noite escura
Não permittia ver-se-lhe a figura.

25

Ecco quel fiero istante!
Nice, mia Nice, addio!
Come vivrò, ben mio
Così lontan da te?

Io vivrò sempre in pene,
Io non avrò più bene;
E tu, chi sa se mai
Ti sovverrai di me?

METASTASIO. *Canzonette*

A partida — POESIA DE
SOARES DE PASSOS

— Esta é a última noite! Em poucas horas
Serei longe de ti, ó doce amada!
Quem então me dirá que tu me adoras?
Onde ouvirei tua voz apaixonada?
E que vento, embriagando-me os sentidos,
Tuas juras trará a meus ouvidos?

26

— É verdade, menino! Ai que tristeza
Me vae na ausencia torturar a alma!
— Olha, como está muda a natureza,
Como está triste, silenciosa e calma!
Parece pela sorte ennegrecida
Para assistir á nossa despedida.

27

Triste é sempre o adeus de dois amantes,
Maximè quando vão para tão longe!
É triste, como os ais de agonisantes,
Ou qual *phantasma*, que parece um monge;
Triste como do naufrago a mortalha,
Que o mar com as ondas pela areia espalha!

28

— Ai! não falles assim! Mettes-me medo!
Tens cada pensamento tão tristoso!
— É que eu saíio d'aqui para um degredo,
E presinto um porvir feio e medonho.
Ermelinda! uma vez te peço ainda;
Diz-me que es minha, que me adoras, linda!

29

— Sim... me disse ella. E tal melancholia
Mostrou 'naquelle *sim* mavioso e brando,
Que me assustou de vé.as, e parecia,
Morbidamente a face reclinando,
(Longe de brincadeira e de facecias),
Presentir as futuras peripecias.

30

— Oh! não podêr eu hoje acompanhar-te!
Quem sabe quando havemos de inda ver-nos?
Ficar aqui!... Nem mais podêr.'scutar-te
Teus protestos tão meigos... e tão ternos!
Não te esqueças de mim!... Mas pois te apartas,
Ve se escreves de la bastantes cartas!

31

— Oh! isso hei de eu fazer! — Lembras-te, filho,
D'aquella infancia nossa tão saudosa?
Ha de inda ao menos animar-me o brilho
D'essa quadra de amor, quadra ditosa
Que derrama no seio de infelizes
Um balsamo suave!... Oh! dias felizes!

32

Quando a lua no ceu, na selva a brisa
No transparente espaço os mil perfumes,
No valle a fresca fonte, a relva lisa;
E em tórno á lua os mil fulgentes lumes,
E no meio da relva as brancas flores,
Nos ensinavam a fallar de amores!

33

— Estás uma poetisa de mão cheia!
— Achas? os fructos são das lições tuas!
Todos têm p'ra manias sua veia,
Esta é a minha, cada um la tem as suas.
Mas com esta despedida dolorosa
Receio inda outra vez cair na prosa!

34

— Oh! que doces palavras! Diz ainda
Que me estimas, que vaes soffrer na ausencia!
Da-me mil juras mais, bella Ermelinda,
Do seio meu acalma esta vehemencia!
Se soubesses o ardor com que te adoro!
Jura, promette, é so o que te imploro!

35

Canção

Eu

Primeiro o gyro seu no ceu opaco
Ha de suster o auricomado Apollo,
Primeiro odiará as vinhas Baccho,
Ou deixará de nos soprar Eolo,
Ou Venus deixará de ser tão linda,
Que eu deixarei d'amar-te, ó Ermelinda!

36

Ella

Primeiro as ondas odiará o nauta,
 Ou de manhan não cantará o gallo;
 Primeiro ha de o pastor deixar a frauta, —
 Ou ao coelho o cão, que ve saltal-o,
 Ou a cabra ao codeço perfumado,
 Que eu esquecer-me de ti, o doce amado!

37

Eu

Primeiro a ran não cantará no charco,
 E o dia sera noite, e a noite dia,
 E vogará por sôbre a terra o barco,
 E sôbre o mar a corsa fugidia,
 Que eu deixarei de amar-te, anjo celeste!

Ella

Que eu esquecerei a dita, que me deste!

38

— Sim!... De repente ouviu-se alli um tiro.
 Amotina-se tudo. Os cães ladrando
 Correm pelo jardim em sôlto gyro.
 Ella sôbre os meus hombros desmaiando
 Um grito sôlta, um ai... que mais não pôde.
 Abrem-se as portas, toda a gente acode.

39

Passa por pe de nós um negro vulto
 Que depressa saltou de um muro abaixo.
 Eu vendo ésta inferneira, este tumulto
 Safo-me, e em casa com furor me encaixo.
 No outro dia contou-me um mariola
 Que era o irmão provando uma pistola!...

(Continúa)

A. L. SANCTOS VALENTE.

BIBLIOGRAPHIA

O sr. J. Simões Dias mimoseou-nos com um volume de poesias que acaba de dar á luz, e que tem por titulo — Relicario ou o Mundo Interior.

Tão agradável offerta do intimo d'alma nós agradecemos, pois nos veio dar occasião a passarmos deliciosamente algumas horas com a amena leitura das suas poesias, que excellentes e mui dignas de se lerem as ha no — Relicario.

Recommendámos a sua leitura.

CHARADA

Quem soffre, quem trabalha, }
 Quem maguas espalha, } 2

Quem penas ja não sente, }
 Quem tudo olha contente } 1

Quem pasma, quem se admira }
 Ou sente assomos de ira } 1

Assim faria eu se o muito pranto
 Não me embargasse a voz, e 'nesse encanto
 Acharia consôlos para as maguas.
 Hão de me sempre achar em duras fraguas
 Quêda, calada, rija, aspera e forte,
 Sem temer a roaz foice da morte,
 Nem os tormentos da mofina sorte,
 Nem os sopros do sul, nem os do norte,
 Nem outra cousa mais que acabe em *orte*,
 A não ser do alvião o rijo corte,
 Que muitas vezes faço que se intorte,

SANCTOS VALENTE

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Scenas Romanticas. — Continuum a vender-se nas lojas do costume.

Expediente

Tornamos segunda vez a prevenir os Ill.^{mos} Srs. Assignantes, que até hoje ainda não puderam satisfazer a importancia de toda a sua assignatura, que, enquanto o não fizerem, não serão agraciados com o volume que no fim do primeiro semestre se lhes prometteu. Em demasia sentimos o sermos forçados a lançar mão d'este meio, mas a demora que tem havido no saldo d'essas dividas nos desculpa exuberantemente.



RECORDAÇÃO

Dedicada

À ESPERANÇOSA ROMANISTA E POÉTISA MIMOSA

A EX.^{ma} S.^a D. HENRIQUETA ELYSA.

Na lyra, no trovar, no sentimento,
Foi-nos a sorte igual;
Oxalá que o não seja no destino
Que me fadou o mal!

AUGUSTO SARMENTO.

Um lustro e mais dois annos so contava,
Quando te conheci;
Nem posso recordar a minha infancia
Sem lembrar-me de ti!

Qual vara de Moysés, fazendo a jorros
Da pedra agua nascer,
Dos olhos que a dôr sêcca, a saudade
Faz lagrimas verter!

Ignorantes, festivas, ensinaram-nos
A soletrar — *porvir!*
E a idade tem passado em vão esforços
Sem lê-lo conseguir!

Cançadas de folgar, lá 'stava á noite
O regaço da mãe,
Onde iamós dormir o amigo somno,
Que a vida mais não tem!

No baixel d'innocencia ambas vogámos
'Num mar todo alegria!
Quinze estios passaram — eis-nós junctas
No abysmo d'agonia!

Como tu, repellida da ventura,
Vagueias erma e triste,
Tambem eu, so por ver gozal-a aos outros,
Não nego que ella existe!

Reflecte no teu pranto essa luz tibia
Do adeus que o sol 'envia!
Ás lagrimas d'aurora as minhas juncto,
Por viver mais um dia!

Quem responda á tua alma, em vão procuras,
Sem encontrar jamais!
Sem peito que os abrigue, escuto aos montes
O echo de meus ais!

É deserto p'ra ti tambem o mundo
Sem oasis ja t'er!
Eu tenho por amiga a doce crença
Que um dia hei-de morrer!

No festim da desdita o Deus Eterno
Indicou-te um logar!
A mim, por entre espinhos e amargura,
Mandou-me caminhar!

P'ra animar-te a soffrer beijou-te a fronte
A deusa d'harmonia:
A ti, deu-te o talento; a mim, apenas
O amor da poesia!

Tu elevas-te ás nuvens inspirada!
Da terra eu fito o céu!
Nas azas d'uma esp'rança inda te libras,
P'ra mim tudo morreu!

Afasta-te de mim — que o meu destino
Tem horrivel matiz!
Que eu rasteje no pó, tu vóa aos astros,
Sê do que eu mais feliz!

Coimbra, 1863.

AMELIA JANNY.

PREDESTINAÇÃO

A felicidade é a morte...

C. CASTELLO-BRANCO

Amor de perdição

Desgraçada! que encontro imprevisto
Te surp'rende n'um gozo infeliz!...
Porque cedo, mais cedo não veio
O pharol que teu guia se diz!...

Hoje é tarde; não podem seus raios
Nova senda no mundo te abrir;
Se te mostras agora, quem sabe?...
Mais condensas os veus do porvir...

Bem fatal, oh! se foi, para ambos
Essa hora que amantes os fez:
Sem piedade o Destino os affasta
P'ra não mais se encontrarem talvez!

Se mais cedo viesse, ó astro,
Outra aurora surgira nos ceus;
Mas vens tarde: no livro da vida
Foi um nome ja escripto por Deus!

A desgraça abraçou-os no berço
E de prantos baptismo lhes deu:
Este abraço foi élo fraterno
Que ninguem n'este mundo entendeu.

E diversos caminhos traçaram
Em redor d'esse berço fatal;
Cada um foi seguindo seu norte
Impellidos por sina infernal.

Não mais viram nas nuvens sombrias
Que a seus olhos roubaram a luz,
Despontar o pharol resplendente
Que lhes dera por guia Jesus!

Eis-vos almas perdidas, errantes,
Em demanda d'um mudo melhor;
Vossa estrella apagou-se no occaso,
No fulgor de outro astro maior,

E perdida, perdida p'ra sempre!
Que vos vale a tardia affeição?
Nada póde o calor d'este affecto
Contra o gelo da fria razão.

Ide longe... bem longe um do outro!
Que desgraça não fôra este amor!...
Leis da terra infelizes condemnam
Que no eu abençoã o Senhor!

Tende esp'rança, consôlo de affictos,
Que inda alem d'esta vida ha porvir:
Para aquelles que soffrem na terra
Deus reservã divino sorrir.

Tende esp'rança! Se o mundo vos mostra
Fundo abysmo que é crime transpôr,
Lá, no ceu vossas almas unidas
Dão a Deus um hossana d'amor.

Foz, 8 de Outubro de 1863

HENRIQUETA ELYSA

RECREIO PARA INSTANTES

A menina estremeceu involuntariamente;
e tão grande foi o deslumbramento que
lhe offuscou a razão, tão immensa a ale-
gria que lhe entrou 'nalma, que não deu
pela posição do mancebo ajoelhado a seus
pés, nem pelo ardor com que lhe estreitava
a mão, senão quando elle a uniu aos la-
bios em prolongado osculo.

Esquecida inteiramente da sua situação,
da scena que ha pouco se dera entre ella
e Cecilia, e da terrivel revelação que pouco
antes lhe escutara, a innocente menina
abriu o coração ao extasis doceissimo que
lhe davam aquellas palavras, proferidas com
a mais tocante inflexão de voz, e inclinan-
do-se para diante cingiu a fronte do man-
cebo com o reflexo luminoso de seus olhos
que pareciam nadar em ondas de fluido
magnético, e murmurou ao mesmo tempo,
mais com o coração do que com os labios:

— Fernando, Fernando, para que tanto
amor?!

— Para que tanto, meu anjo?! para te
offerter todo! é pouco?

E fallando assim o mancebo, transpor-
tado pelo inflexo d'aquellas suaves pala-
vras, cobriã de ardentes beijos a mão da
virgem que estremeçia entre as suas.

Foi rapido o delirio, tão rapido como a
vertigem de felicidade que passa pela mente
do desgraçado!

Leonor mudou repentinamente de phy-
sionomia, limpou duas impertinentes lagri-
mas que, como aljofares, lhe pendiam das
compridas pestanãs, e, dando nova infle-
xão de voz ás suas palavras, virou-se para
Fernando, e lhe disse:

— Pedio-me uma hora de conversação

particular, Senhor Fernando: que tem a dizer-me?

— Leonor, estranho essa linguagem e sobretudo as alternativas porque a vejo passar! Cecilia fallou-lhe a meu respeito?

— E que tem isso de commum com o que ora se passa entre nós?

— Talvez que tudo, e pôde ser que nada. Não lhe disse a sua amiga que eu era perdedente á sua mão?

— Disse, respondeu a joven obrigada, mau grado seu, a confessar a verdade.

— Bem: 'nesse caso está tudo explicado; tem um motivo a sua reserva de hoje, Leonor. E Cecilia disse-lhe que ja recebeu da minha parte algum protesto ou confissão de amor?

— Então o casamento não é a maior, a mais leal, a mais convincente prova de um grande affecto?!

— Muitas vezes não, minha filha: o casamento, como o faz a sociedade, é um contracto em que nem sempre se consulta o coração, que deve ser o mais interessado 'neste negocio. Eu ja previa que mais tarde ou mais cedo tinha de dar-se uma explicação entre as duas amigas, e para prevenir o máo resultado d'ella foi que eu pedi esta entrevista, infelizmente, tardia bastante para me fazerem inteira justiça. Não obstante ainda conto rehabilitar-me no conceito de Leonor. Vou ajoelhar-me a seus pés, e confessar-me como o faria a um sacerdote nos ultimos momentos da minha vida. Por quem é não descreia das minhas palavras que, se acaso me suspeitasse de desleal, rasgaria aqui mesmo o coração! Olhe que nunca estes labios que ora lhe fallam souberam formular uma mentira! honra e verdade tem sido sempre a minha divisa! Sente-se Leonor, e ouça-me por um pouco; vou contar-lhe a minha vida, sem a romantisar. Não quero aos seus olhos valer mais do que sou. Não tema que venham peripecias variadas, nem lances de effeito: é uma historia de crianças, e não a vida de um homem o que lhe vou contar.

VI
Fernando começou assim a sua narrativa.

—A sua amiga, Cecilia, não foi sempre o que hoje é: ha poucos annos ainda logrou ella ter na sociedade a posição que occupa, devida ésta sem duvida aos contos de reis que o pai adquiriu no Brasil.

De familia nobre nasceu ella; mas em consequencia das vicessitudes politicas, cousas que a Leonor nada interessam, seus pais caíram do alto das grandezas em uma mediania que era considerada por elles como completa indigencia. Algumas privações soffreram por essa epocha, e meu pai que era amigo intimo da infeliz familia correu a soccorrel-a, offerecendo-lhe a sua propria casa.

Occorreu então uma ideia, como taboa de salvação com que o naufrago depara na immensidade do Oceano, ao pai de Cecilia, e, acceitando o offerecimento do amigo, deixou-lhe em casa mulher e filha, e partiu para o Brazil, mais como aventureiro, que procura fortuna, do que como expatriado que foge á perseguição dos seus.

Resultou d'este exilio voluntario que, passados que foram dez annos, voltou o homem sobejamente indinheirado, e com basta experiencia do mundo para nunca mais se envolver em questões ou negocios politicos.

Entretanto a mãe de Cecilia morrerá, e sua filha havia sido educada por minha propria mãe, que, se o fôra d'ella legitimamente, não empregaria mais disvelos e cuidados para lhe dar superior e esmerada educação.

Era eu justamente da sua idade, e como não tinha irmãs, assim como ella não tinha irmãos, resultou que um ao outro nos afeiçoámos com extremo.

Sancta e innocente afeição começada no berço, e estreitada com infantis caricias!

Quando o pai da menina voltou do Brazil contavamos cada qual doze annos de idade: mas vendo que nos queriam sepa-

rar gritámos contra a violencia, protestando que havíamos de ser esposos. Acharam graça as nossas familias e prometteram que mais tarde, em tempo competente, se realisaria esta alliança, que mais consolidava os laços de affecto que ja de ha muito as unia. Além d'isso o pae de Cecilia julgava poder por meio do dote que desse á filha, saldar a divida de gratidão que confessava a meus pais.

Partiu com Cecilia para a provincia, por não podêr, dizia elle, viver mais tempo em Lisboa, terra que conhecêra a sua primeira grandeza, que tramára e vira a sua queda, e que via agora, sem dúvida, presenciara cheia de inveja ou odio a sua regeneração, que tantos annos de trabalho lhe custára. Quanto a Cecilia e a mim consolamo-nos 'nesta separação com os retratos que um ao outro nos fizeram dar, e as esperanças de uma proxima e futura união.

Deixei-me embalar por esta crença, que mais em mais me queriam arregar na alma, como coisa que não convinha expulsar. Continuei a amar Cecilia, com o mesmo affecto de criança é verdade, mas com toda a violencia que podia dar a este sentimento, pois que era ella todo o meu futuro, todas as minhas aspirações.

Confesso-lhe, Leonor, que jamais sombra de outro amor, de outro affecto senti por Cecilia, que eu via sempre no retrato criança, risonha, descuidada, alegre, e não mulher com cabeça para pensar e coração para sentir.

Devo tambem confessar-lhe que nunca amei, nem tentei amar, levemente mesmo, outra mulher: Cecilia era o meu porvir, tinha-o eu dito com a singelleza e innocencia da infancia, confirmava-o minha familia, auctorisando-me e auxiliando-me para o querer.

Durante todo este tempo que vivemos separados escrevia eu cartas a Cecilia como as escreveria a uma irmã: a joven respondia-me pelo mesmo teor; mas ultimamente notava eu nas suas cartas certo despeito que se trahia nas expressões meio

affectuosas, meio ironicas, que me dirigia. Sem duvida Cecilia procurava com interesse as expansões dolorosas de um outro affecto que eu não sentia e que portanto lhe não podia communicar.

Assim tendo chegado á idade fixada por nossos pais para a realisação d'este casamento, parti de Lisboa resolvido a levar esposa. Vinha porém tão tranquillo e socgado como se negocio alheio me chamasse aqui, quando ao contrario eu dava um passo que decidia de todo o meu futuro.

Vi Cecilia, achei-a formosa, mas formosa como sempre a conhecêra, e nenhum abalo experimentei a não ser o produzido pelas lembranças d'aquella feliz idade, que juntos folgavamos recordar com todas as suas innocentes peripecias. Uma cousa me encheu de desgosto logo no primeiro momento, e foi o eu encontrar-lhe a mesma vivacidade, e desenvoltura que lhe conhecêra em criança, e que quanto agrada 'naquella idade, desagrada 'nesta.

Cecilia não era pois mulher, ou pelo menos a mulher que eu me deliciava em criar na minha imaginação meiga, melancholica, revelando sentimento no olhar e amor em cada palavra.

Comtudo eu não me sabia dar a razão d'estes desgostos, ou não sabia mesmo explicar assim a especie de frieza com que a via, e desalento com que a amava.

Um dia vi Leonor, e admirei-me de a preferir á outra. Fui para casa pensando muito e tentando fazer o parallelo entre as duas. De todas as combinações que fiz resultou que, de cada vez, mais distinguia Leonor, e menos considerava Cecilia.

Sem então ter ideia alguma de me desligar do compromisso feito ha tantos annos, nem esperança a seu respeito, como que por palpito intimamente me regosijava por não ter dado impulso, nem andamento algum ao negocio de que vinha encarregado.

(Continúa)

HENRIQUETA ELYSA

A virtude é paga igual de si mesma, sem mais troca.

SÁ DE MIRANDA

A BRANCA

(Extracto de Zorrilla)

L'aube naît et ta porte est close!
Ma belle, pourquoi sommeiller?
À l'heure où s'éveille la rose
Ne vas-tu pas te reveiller?

VICTOR HUGO.

Acorda tu, minha Branca,
Que ja desponta a manhã,
Ligeira e toda risonha,
Toda brilhante e louça;

Acorda, que ja seu canto,
Seu doce canto de amor,
Solta alegre o rouxinol
Dos ramos entre o verdor.

Acorda, Branca formosa
Vem estes bosques sítar,
Matar d'invejas o campo,
Fazer a aurora corar.

Vêr como tudo desperta
À luz do doce arrebol;
Ostentar-te magestosa
Mais brilhante do que o sol.

Aqui ha macios leitões,
Que a branda relva formou
Ao rouco som da fontinha,
Que dos outeiros baixou.

Aqui doudas borboletas
Divagam doidas d'amor;
Aqui recendem perfumes,
Gratos aromas da flor.

Aqui borbulham arroios,
Aqui se pôde escutar
Ao doce impulso das agnas
Estes ramos ciciar.

Tinge o sol as cumiadas
D'aquelles montes, d'além,
Que a noute de fresco orvalho
Tinha coberto também.

Todo o bosque é riso, encanto,
Paz segura aqui reina;
Desce, oh! desce, minha pomba,
Que o ceu todo te sorri!

A. A. V. P.

HISTORIA VULGAR

D'uma mulher singular

Digo-lhe que não, Alfredo, não devia retirar-se. Acostumado, como diz, a ler-me nos olhos os sentimentos da alma, devia saber hontem interpretar a minha agitação e as minhas lagrimas, e ficar aqui juncto de mim. A sua retirada auctorisa-me a duvidar que me comprehenda, ou a descrever de seus sentimentos...

— Que diz, minha senhora? Duvide antes da luz do sol, que do occidente nos espreita, do que da pureza de meus sentimentos. Eu suppuz-me de mais em presença de duas pessoas amigas, que segredavam á minha chegada. E nem mesmo agora comprehendo, para que fosse necessaria a minha presença?!

— Enleada como eu estava 'num dialogo, quiz me torturava, precisava d'ella; porque o meu intorlocutor apontava para os ceus invocando o testemunho da minha palavra; eo mesmo tempo que eu punha a mão sôbre o peito, para suffocar os gritos do meu coração!

Via d'um lado minha boa mãe sentada aos pés de Deus, contemplando sua filha: e do outro uma paixão abrasadora, cujo fogo eu indiscretamente ateara, e que já não podia apagar, sem o perigo de ser por elle devorada!

'Neste estado pois precisava, mais que nunca, d'uma justificação ao meu silencio: pois me custaria tanto descerrar os labios para mentir ao coração, como para desmentir a prevertida promessa d'uma creança obediente, que afagava no peito a memoria de sua mãe.

A sua presença, Alfredo, punha termo ao dialogo; e porisso eu a implorei pela unica maneira possivel no estado de perturbação, em que me achava: mas desgraçadamente, ou me não comprehendeu, ou se recusou ao meu pedido; e retirou-se deixando-me na agonia!...

— Perdão, minha senhora, se pela vez

primeira lhe dei involuntariamente motivo de queixa. Permitta porém que lhe diga, que, se não creio que lhe subissem do peito as palavras de censura, que ouvi, vejo todavia involvido nellas um certo mysterio, que me assusta, confundindo-me as ideias!

— E esse mesmo mysterio, Alfredo, é para mim um duplicado martyrio. Tremo de o revelar: accusa-me a consciencia de o não ter feito.

— Se o receio nasce da desconfiança, o remorso é uma consequencia da injustiça; e a prolongação do soffrimento um castigo da reserva immerecida. Se eu posso de qualquer fórma minorar o mal que o opprime; porque motivo adia v. ex.^a a confidencia?

— E se ella tirasse uma esperanza, destruindo uma illusão?

— Tanto melhor, minha senhora, por que perdendo mais uma, desconta-a-hia nas poucas que ainda me restam, e mais perto ficaria da realidade. Affianço-lhe que se na historia figurar uma mulher, nada me maravilhará, por mais extraordinaria que seja. Quando eu contava apenas vinte primaveras, julgava que o mundo era um deserto, que so a companhia da mulher podia converter em paraizo: e deixava-me embalar por essa fagueira illusão, embora encontrasse todos os dias em cada mulher um desmentido! O fogo da juventude não se extinguia com o gelo dos desenganos; e a imaginação ardente offuscava com o brilho de suas imagens os quadros da realidade.

Hoje porém fez-se nas minhas ideias completa revolução. O frio dos janeiros, e a experiencia do mundo gelaram-me o coração, e fizeram desabar uma por uma as minhas illusões!

Agora supponho a mulher um ente poderoso e perigosissimo, que dispõe dos destinos da humanidade, a quem distribue a capricho a felicidade ou a desgraça.

— Tinha muito que oppôr, Alfredo, á apreciação que faz da força moral da mu-

lher, que eu reputo o mais fraco e infeliz dos seres creados. Mas diga-me — em quanto viveu 'nessa atmosphaera d'illusões, suppondo em cada mulher um anjo, e em cada palavra sua um sentimento e um decreto, não se julgou muito mais feliz, que agora?

(Continúa)

AO MEU AMIGO

A. C. Pereira de Figueiredo

Amigo, teus cantos,
Por dor inspirados
Parecem vibrados
Em meu coração;
As notas, que soltas
Só tem mil queixumes
Não tem os perfumes
De doce paixão!

Não fallam de gozos,
Só fallam de dores,
Que causam amores
Só pranto contém!
É triste! no mundo
Quem ama padece,
Minh'alma fenece
Com dores tambem!

Não vês despontar
Para ti uma estrella
No ceu, que singella
Ventura te dê;
Nas flores que eu colho
Só acho os espinhos,
Não tenho carinhos;
Que triste que é!

Amigo, teus cantos,
Por dor inspirados
Parecem vibrados,
Em meu coração;
As notas que soltas
São queixas, gemidos,
Do peito sahidos
N'intensa afflicção!

Se soffres, eu choro.
Oh! vem que contigo
Então meu amigo
Só quero viver;

Serão menos fortes
Aqui nossas dores,
Cruéis dissabores
D'atroz padecer!

Sim longe dos homens
Que riem do pranto
Que se véрте santo
Oh! vem habitar.
Terás em meu peito
Para as maguas abrigo.
Sim, vem que contigo
Só quero chorar!

Amigo, teus cantos
Por dor inspirados
Parecem vibrados,
Em meu coração;
As notas que soltas
Só tem mil queixumes
Não tem os perfumes
De doce paixão!

1863, Vizeu.

ALFREDO CAMPOS

UMA SAUDADE

À memoria de J. J. R. de Mattos

Correi.....

Lagrimas tristes minhas

Garrett, CANÇÕES

Um necrologio é improprio 'num periodico como os *Hymnos e Flores*; mas o que nos fazemos não é um necrologio.

Entre as flores que tão bellas desabroçam e ostentam gallas 'nestas paginas, cabe a grave flor dos tumulos, a saudade.

E se é flor para que a havemos esbulhar dos jardins da vida?! E mais ainda quando ella nos recorda uma phase d'essa mesma vida!

É uma saudade que venho desfolhar sobre a campa d'um joven arrebatado cedo ao prazer, tarde á dor.

Soffreu muito. Oito mezes, dia a dia, os mil cruciantes punhaes da molestia lhe atormentaram o corpo, mas não lhe anniquilaram nunca o espirito. Foi-lhe forte até á derradeira hora.

J. J. Rodrigues de Mattos foi martyr desde o alvorecer da existencia.

Era natural de Coimbra, motivo este que me levou a escolher o periodico mais sympathico d'esta illustre terra para pagar á sua memoria mesquinho tributo d'amizade.

Dotado d'um talento superior luctou incessantemente para o aperfeçoar. O estudo era o seu Deus.

Filho d'esse talento foi um livrinho que é um thesouro de harmonia, uma endeixa que o genio do amor lhe ensinára a dedilhar na harpa da crença. A *Mulher* é o titulo d'esse opusculo.

Lançado o seu auctor na carreira litteraria por tão bella porta veio a politica, assassino de tudo o que é poesia, arrancal o aos sonhos d'illusão, e submergil-o 'nessa voragem immensa em cujo redemoinhar incessante chegam muitas vezes a perder-se, ainda os mais audases.

Poude ainda fugir-lhe.

E agora que de novo se entregára d'alma e coração aos estudos litterarios, agora que viajante fugidio dos areaes abrasadores voltára ao seu *oasis* querido, succumbio para não mais.

No *Tribuno Popular*, jornal de Coimbra, e no *Correio de Setubal* existem escriptos que melhor do que eu attestam o merecimento de Rodrigues de Mattos.

O dia 29 de outubro, viu a sua alma despir o envolvero terrestre e voar á eternidade.

No coração me deixou elle um lozar que jamais se preencherá! nunca o tivesse eu conhecido, que se me não tornaria impossivel olvidal-o.

.....
Saudade regada pelo pranto é esta aqui por mim depositada; não convida a embriagar no seu ardor, mas revella a minha tristeza. Se lhe faltam as cores brilhantes envolve-a o veu de lucto que cobre o meu coração. Que isto ao menos a torne respeitada.

Lisboa

HENRIQUE FARIAS

ERMEIANDA

VII

Saudade! grato aroma que perfumas
O seio do que soffre! Almo repouso
Em que adormece a máguá, que nos punge,
Como a onda socéga ao sôpro ameno!
Intorna sôbre mim teu doce balsamo,
Urna sagrada das estancias puras!
Oh! chove-me consôlos, que este peito
Anceia por quedar a dôr que o fére!

Mas não! Teus mimos não me acalmam, dôem-me!!
Não me consolás, não, mais me torturas!
Com o balsamo travaste o fel amargo!
Nuvem dolosa, que um momento incantas,
Sóme-te, vâa na amplidão immensa,
Não mais por sôbre mim traces teu rumo!
Quero comigo só gemer meus males,
Quero a dôr devorar, chorar sósinho.

Oh! céos! pois pôde a vil... Ail Ermelinda!
Tão em remorso quebrantaste a jura!
Tão sem dó me deixaste em duro exílio.
Não tinhas pois no depravado seio
Um so, que fôsse, sentimento puro!
Mas porque assim da dôr vencer-me deixo?
Ella d'outro quiz ser, hei de achar outras!
Heide, ingrata mulher! E quando um dia
O remorso tardio a alma te punja,
E se te rasgue o seio á mágoa acerba;
Quando queiras reunir o laço estreito,
Que hoje ousaste quebrar tão sem piedade,
Verás em mim o riso do desprêso,
Sentirás duplicada a dôr que eu soffro!

No qual tempo eu andava passeando
Em frente d'um palheiro. Era o palheiro,
Onde como se vê num canto acima)
Out'ora eu fui (tão louco!) pôr-me á espera
De novas d'ella.

A casa inda lá estava,
Mas so, mas destruida e quasi em ruinas,
Que D. Julia p'ra Lisboa fôra.
Tudo alli me dizia o nome d'ella,
Tudo lembrava as scenas do passado,
E falando d'amor, lembrava os males.

Foi o caso que o irmão viu uma tarde
Passear por Lisboa um velho amigo
Seu, do Pará negociante rico;
E, sôbre rico e amigo, o quiz parente.
Tantas voltas lhe deu, que o brasileiro
Cahiu na rêde, armada em tenções boas,
E a mão lhe foi pedir; a mão, não d'elle,
Mas d'Ermelinda foi a mão pedida.
Qual a aguia veloz, ao vêr na terra
Estremecer a pressa procurada,
Vae círculos traçando nas alturas

E mais o amiuda, quando desce,
Té que nas garras vae cahir-lhe a presa,
Tal ao rico inganou, tal cahiu elle:
Ella hesitou um pouco, mas cedendo
Ás instancias do irmão e do tal melro
(Inda lhe hei de ser bom, se o apanho um dia!
As juras olvidou, casou com elle,
E eu fiquei cá de longe a vêr navios!

Ah! meu Ambrosio! tu é que és amigo!
Este sim! Não me larga! Nós mais tarde,
Por não ter que fazer e por buscarmos
Remedio e lenitivo ás nossas máguas,
Resolvemos deixar da Lusitania
A tão querida terra e o patrio ninho,
E junctando entre nós alguns dinheiros
Fômos ambos fazer *le tour du monde*.

8 de Janeiro de 1862

A. L. SANCTOS VALENTE.

Expediente

Completa-se com este n.º 24 o 1.º anno dos *Hymnos e Flores*.

Recebidos por todá a parte sempre com especial agrado, e prosperamente chegados a esta idade, cousa rara em jornaes litterarios que saíam á luz em Coimbra, vão por isso os *Hymnos e Flores* entrar no seu 2.º anno, confiando em que continuarão a ser acceitos pelo publico com a mesma benevolencia, e a merecer d'elle a mesma protecção. Temos fe em que os nossos assignantes não deixarão de renovar as suas assignaturas; e assim pedimos aos que desejam continuar, o obsequio de o participarem a esta Redacção, com a possivel brevidade.

As pessoas que, a todos os respeitos, valiosamente nos tem auxiliado nesta empresa, aqui lhes damos sinceros e cordeaes agradecimentos: os mesmos damos ás Ill.^{mas} Redacções que se dignaram trocar com a nossa folha.

A estas Redacções pedimos o obsequio de transcreverem este expediente, pelo que lhes ficaremos summamente gratos.